

SILVA FREIRE

1972  
1822

gOOOI/ círculo azul  
aO sul  
dO azul

CADERNO

7

DE CULTURA  
(P O E M A)

à confederação brasileira de desportos

"in memoriam" de:

josé lins do régo

mário filho

gilberto cardoso

rivadavia corrêa meier

carlito rocha

max gomes de paiva

fadel fadel

roberto gomes pedrosa

miguel gustavo

friendenriech

e romeu dias pino

no 50° da semana de arte moderna

O estádiO arredOnda

nO gritO  
nO pulO  
nO urrO

a geOmetria dO gOOOl

nO murO

O sapO saliva O saldO  
impressO  
nO saltO  
dO ingressO

a linha que se inscreve nO lance  
/aO alcance da meta/  
permanece  
nO pé/ em nOvelO

O retângulO arqueia a defesa

se arma de ângulO  
na gula dO O

as retas dO gOl

se emOlduram de ladOs  
nO *flash* da escrita  
subscrita  
nO sOcO que vOa

O tirO de cantO

alinha seu estilhaçO  
esquinandO O assObiO

a palma que espalma a redOnda  
arredOnda  
O inventO dO sustO

O empuxO dO punhO

conjura O perigO  
cOnfere aO enredo que tenta

segredO de alívio

O tirO de meta

devOlve O inteirO  
dO prOjeto que rOnda

nO estádiO

a Oficina dO drible  
Oficía O ritual  
dO entusiasmo

é nO sumO-limãO  
nO pique dO gelO  
nO ímã da mão

que O massagista credita  
O recadO  
que recita

O massagista esfrega

na alma dO atleta  
a liçãO escrita na mão

O craque cOrrige a legislaçãO

na invençãO cOreOgráfica  
nO gráficO instante

que inaugura O placar

O *bandeira* enxuga O afogadO na banheira

de chapéu  
nO chuveirO

O craque nãO mOlha  
a memÓria...

O *deus* dOs estádiOs  
se ajoelha nO altar de si mesmO  
santificadO de gOl  
e se agradece/ de dentrO da alegria dO gOl

na cadeira cativa

é O imÓvel que tOrce/  
cativO

a arquibancada se despenca  
nO sOrrisO que chOve  
dimensiOnando a plasticidade dO gOl

na ginga dO cOnhecer  
as equipes se tOcam  
sanfOnandO O ritmO tático

a tOrcida se desfibra  
nO remanejO dO esquema  
nO recuO sem tranca  
na palidez dO placar

a galera se Organiza  
se aquece de OrgulhO  
nO quente da frigideira  
nO gritO dO tambOrim  
nO cOmpasso  
dO passo  
que passa  
O passe

na tribuna de hOnra  
O Olho/OuvidO/sOlene  
assenta nO ver o binÓculO  
bambOlinando O discretO que Ouve  
cOncavadO na palma da mão

O comentarista  
radiOfOniza a impressãO visual  
tecida nO tOque da dúvida

O narradOr  
profissiOnaliza O sinal da linguagem que edita

O repÓrter de campO  
pede O aparte  
cOmparte  
e parte a infOrmaçãO

é nO estádiO  
que a alma se recurva  
cOmO *cOrbeille* de músculOs  
musicadOs

O bilheteirO antepÕe  
nO Olímpico dO trOcO  
O *quantum* da quadratura dO gOl

∞ bOla carrega nO cOurO

— fragmentOs de letras partidOs de gOl

nã bOca da nOite  
nO peitO dO pOvO  
na bOca de vidrO  
nO ensaiO da pÓlvora  
agitandO a bandeira

se arma de forma  
O prOgrama que explOde  
na bOlha de ar

nO jOgO dO tOss

vira e rebrilha  
a infância da bOla  
revira nO espaçO  
ante-projetO de gOl

da grande área

a meia-lua se desenha em círculo  
nO cOmpletO que rOdilha na rede/  
bOjuda de gOl

nas cuias dOs refletOres

O esféricO aquece seu cOntOrnO

O artilheirO se calça

se alça  
e se alcança  
na pOse dO Onze  
na pOsse dO aplausO  
na leitura dO gOl

O avante se esculpe

nO feitO que emplaca  
a finO dO gOl-de-placa

a bOlsa d'água /Onde sacOde O sOcOrro/

redOndeia seu perfil  
na pausa que flauta O apitO

O geOmétricO da cal

higieniza de verde  
O pOrnOgráficO dO pique perdido

a tOrcida se cOntOrce

quandO O craque  
tOrce O lençOl

nO bancO

O regra-3 encurva a tOrcida  
nO braçO que amarra  
aplásticO assensO

O gandula

adula  
a gula  
que pula/ de braçOs abertOs

O expulsO se cOnfessa:  
— senhOr/ me(u) dia (de) dOr...

O Olho aladO trila O apitO:

— fOtOtaxia nO sistema simétricO

na marca de penalti  
O goleador retorce seu transe  
ritmando a retórica do gol

O estádio se ordena  
no giro  
na letra  
no rol  
da roleta

O árbitro  
gagueja a velocidade do lance  
na empulsão do ponta-de-lança

O placar se enumera  
se ilumina  
de ímpar  
de par  
de imparcialidade eletrônica

ali/no estádio  
Onde se aninha o senso épico do povo

da linha de corner  
O canto assopra a confrontação do gol

O goleiro se transborda de solidão  
na borda do cálix  
desenhado de penalti

a multidão se completa  
na euforia do ver  
na lividez do empate  
na espiral do retorno

no rebote  
O armador rema  
O arremate do gol

no meio do campo  
O grande círculo  
circula sua metade

a barreira se encolhe  
se enrola  
enroda  
rola  
no fuso da bola  
— corola

O tiro na trave  
acende  
a centelha  
do centro avante

O goleiro fásca seu voo  
na explosão que bomba  
no travessão

dO ventre/estádiO

juncO

semOvente

verde

irrOmpe a pintura dO dribble

rOmpe O desenhO dO sOnhO

nasce O pOema na malha que lê

na bOca dO túnel

O técnicO teOriza

a técnica dO inabOrdadO

a rÓtula azul

cOnfere aO verde:

sOberania atlética

cidadania estética

O triO de frente

triangula as jOgadas

beijaflOrandO

O certificadO dO gOl

O *frangO*

leva na bOla

O gOgO

que gOra O aplausO

de tapa O gOleirO

destampa O telhadO dO gOl

entre a sOla

a fratura

e O sururu

a bOla pedindO chute

nO vOlume dO jOgO

O abstratO

cOmpacta seu cOnjuntO

na Orla da grama

a firula

afina a bOca que finta

a canela dO craque

se quadra

esquia

nO *chicOte* que surra a pelOta

nO atrasO da bOla

O zagueirO

escritura O *lançamentO*

e a multidãO se desintegra

prOcissiOnalmente

levandO seus estandartes

retratOs dOs santOs astrOs

nO encantO dO gOl dinamitadO

O estádiO fica sentadO

templO O c O

riscandO de rítmO

mOrdidO de gritO

trilhado de apitO

templO O c O

O c O

estádiO vazio

hibridO ser

geral

impessOa

gOOOl/ círculO azul

aO sul

dO azul

# O sentido de Obra ( mesmo aberta ) já era

SILVA FREIRE não se preocupa mais com a continuidade temática (sucessão linear) como semântica lógico-discursiva, chegando mesmo à posição radical de desprezar o sentido de estrutura e, conseqüentemente, o de Obra. E digo isso porque numa explosão estruturalista o sentido de lógica narrativa geralmente é conseguido por falhas na estrutura que tem como complementação a reparação dessas mesmas falhas, como equilíbrio. Essas «mesmas» falhas é que formavam a lógica, a unidade da história. Assim, na narrativa tradicional, as falhas (morais, econômicas e sociais) são reparadas no fim, como uma espécie de conclusão, e até mesmo de pagamento pelo sofrimento do personagem principal. É a moça pobre casando com o príncipe, para a estabilidade emocional do leitor. Uma espécie de objetividade da informação em justificativa de detalhes que lhe dá um ar de veracidade, em substituição à autenticidade criativa. Numa novela o texto não tem autonomia pela mesma razão de que o consumidor não tem opções de leitura. Por uma série de fraquezas o discursivo sempre tem necessidade de se impor.

Em SILVA FREIRE o rigor dos vocábulos, independente do conteúdo, se organiza no espaço conseguindo um dinamismo (condensação ótica) e uma tensão semântica (núcleo de significados) em condição de desprezar a lógica poética tradicional, para adquirir, se não uma autonomia de textos visuais, pelo menos de blocos de múltiplas e simultâneas direções de leitura: física das palavras. A densidade do rigor vocabular conseguida, visualiza a intencionalidade ao articular uma sintaxe insólita, cada vez mais densa, que faz desses blocos engrenagens de palavras em sequência móvel de aproximações. Vale dizer, da multiplicidade da continuidade: horizontal (probabilidade da língua) e a dimensão vertical (linguagem lugar geométrico). Essa identidade formal, pioneira, é que tem causado certa confusão com uma constante de estilo. (1) Ao destruir o sentido de obra desaparece, de maneira dupla, o estilo. Numa montagem de palavras desdobráveis, que é mais do que simples estilhaços ou acidentes tipográficos, o poeta propõe funções. As linhas/colunas de seus poemas experimentais adquirem valores e possibilidades próprias que não podem ser chamadas de versos. São vocábulos giratórios como uma estrutura de átomo. Dele já se pode dizer: não mais o poema expressando objetos, mas o próprio poema sendo usado como objeto versátil. É quando o espaço perde o sentido de representação para ganhar a funcionalidade. Esse sentido construtivo é que nos oferece opções em lugar de hipóteses metafísicas. Com isso queremos dizer que o poeta ao desprezar as conexões gramaticais, passa a utilizar do espaço em branco não como mero suporte das letras, mas de direções e ligações permutáveis. Assim é que a leitura de seus poemas se faz em invenção de direções dando oportunidades criativas de leituras para o consumidor, diferente da tradicional opção metafísica da interpretação. Seus poemas encerram o ciclo modernista em Mato Grosso e começa a estabelecer base para um novo rumo de nossa cultura (2). Particularizando: o poema, CAMPUS DE UNIVERSIDADE, ao ser dedicado para Gabriel Novis Neves, passa a esse Reitor, como um documento histórico, a responsabilidade da consciência (a idealidade em nível universitário) e a mentalidade criativa de toda a juventude matogrossense. É que hoje não existe mais barreira entre gêneros. O que separa, nos dias atuais, um poema de uma pintura? Hoje, superado o sentido definitivo de obra acabada (estilo mais verso), e a separação de gêneros, o poeta não é quem escreve poemas, mas o que proporciona ACONTECIMENTOS (HEPPENINGS).

Nota 1: Atualmente, creio, existem três correntes de críticas. Uma agindo na área universitária, aprofundando a cultura brasileira e é formada, principalmente, por Afonso Ávila, Benedito Nunes, Gilberto Mendonça Teles e Lais Corrêa de Araujo. Outra, gráfica/estatística (o visual como etapa seguinte do estruturalismo), feita por Luiz Costa Lima e Bráulio Nascimento, e a terceira que, ao ordenar setores e ordenar etapas, define posições, aponta rumos e dá racionalidade à crítica anteriormente aleatória, e tem como representante máximo Afrânio Coutinho.

Nota 2: Atualmente, por força de numerosos canais de comunicação, tudo se incorpora tão rapidamente à cultura de massa, que o sentido de autoria também fica superado, como o estilo individualista.

WALDEMIR DIAS PINO

Professor de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

homenagem especial

à **federação matogrossense de desportos**

“in memoriam” de:

- armando cândia
- arthur marinho
- belmar fidalgo
- caio pinheiro
- may do couto
- zulmira canavarros

DO MESMO AUTOR

- canção do amor que te quero — poemas — 1º caderno
- rondon: silêncio orgânico de flores — poema — 2º caderno
- meu chão... pássaro implume — poema — 3º caderno
- a estrada/rio equilíbrio — poemas — 4º caderno
- chão/ terra/pasto — poema-reportagem — 5º caderno
- campus de universidade/ canto: crespo-olho-alho — poemas — 6º caderno
- gOOO/ círculo azul aO sul dO azul — poema — 7º caderno

A PUBLICAR

- moldura de lama — poema
- cuiabá/cuiabânia/cuiabaninha — poema-reportagem
- camisa velha — poema
- japa e outros contos regionais — prosa
- fronteira de vidro — poema
- poema em pose de pedra — poemas
- rastro — poema
- espaço em branco — poema
- a janela em si — poema
- metapoema do silêncio
- garimpeiro: instrumento de criação de comunidades rurais — estudo sociológico.

para correspondência: travessa João bento, 377 - cuiabá-mt - 78000